

CARTAS TERAPÊUTICAS: UMA INTERVENÇÃO EFICAZ COM FAMÍLIAS DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA

THERAPEUTIC LETTERS: AN EFFECTIVE INTERVENTION WITH FAMILIES OF CHILDREN WITH DISABILITIES

Maria Angélica Marcheti¹

Myriam Aparecida Mandetta²

Resumo: O estudo com famílias de crianças com deficiência buscou compreender o significado atribuído por elas às cartas terapêuticas recebidas em um programa de intervenção. Participaram seis famílias por meio de observação e entrevista. A Análise Qualitativa de Conteúdo, segundo Morse guiou a análise dos dados. A categoria “Sendo uma referência para a família” exprime o significado da carta terapêutica para a família. Receber cartas surpreende a família de maneira prazerosa, pois não conhecia a experiência e permitiu o despertar de sentimentos de respeito e consideração. As cartas ampliam a compreensão sobre a situação vivida, possibilitando à família manejar as situações de maneira fortalecedora. As cartas terapêuticas podem ser intervenções valiosas no cuidado da família da criança com deficiência.

Palavras-chave: Enfermagem Familiar; Crianças com Deficiência; Cuidados de Enfermagem, Cartas Terapêuticas; Intervenções Familiares.

Abstract: The study sought to understand the meaning attributed by the child's family with disabilities the therapeutic letters. Data collection was conducted in May 2010 with six families through observation and interview and Qualitative Analysis of Content, according to Morse led the analysis. The category 'being a reference to the family' expresses the meaning of therapeutic letter to the family. This is a new experience, never experienced by the family who is surprised in a pleasant way, allowing the awakening of positive feelings and consideration. Reading the letters extends the understanding of the situation experienced enabling the family to modify the handling of situations giving rise to a sense of empowerment in their capabilities and their history with the disabled child. Therapeutic letters showed that interventions can be valuable in child family care with disabilities.

Keywords: Family Nursing; Disabled Children; Nursing Care, Therapeutic Letters; Intervention Family.

1 Introdução

Famílias vivendo a experiência da deficiência de um filho enfrentam diferentes desafios e estão expostas a uma série de demandas com relação ao cuidado de saúde e de reabilitação da criança, inclusão social, e para o desenvolvimento de suas habilidades e

¹ Doutora em Ciências pela Escola Paulista de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Professora Associada do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, MS, Brasil. E-mail: mamarcheti@gmail.com

² Doutora em Enfermagem pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Associada da Escola Paulista de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: mymandetta@gmail.com

potencial. O contexto da deficiência impõe uma reorganização familiar e a redefinição de papéis, modificando a sua história e o seu cotidiano.

Essa experiência requer habilidades da família que não se vê preparada para os enfrentamentos necessários. A família necessita de ajuda face às situações vivenciadas com a deficiência do filho, ao longo de sua história de vida, para o seu bem-estar, funcionamento e desenvolvimento enquanto unidade de relações, e para a tomada de decisões e manejos bem sucedidos das situações que emergem da experiência dela com o contexto da deficiência do filho (BARBOSA et al., 2009; MARCHETI; MANDETTA, 2016).

Em nossa prática clínica com famílias de crianças e adolescentes com deficiência, desenvolvida em uma instituição especial de ensino e reabilitação no Brasil, como parte do projeto intitulado *Cuidando da família da criança com deficiência: uma proposta de intervenção para fortalecer a resiliência*, uma intervenção que tem sido realizada é o envio de cartas terapêuticas às famílias, a fim de proporcionar a elas momentos de reflexão e de aproximação com o sistema familiar, ressaltando suas forças, reforçando as mudanças efetuadas pela família e oferecendo uma revisão de seus esforços e das ideias ou intervenções sugeridas pelo enfermeiro no atendimento (WRIGHT; LEAHEY, 2008).

No Modelo de Intervenção na Família (MCIF) proposto por Wright e Leahey (2008), o envio de cartas terapêuticas é indicado durante o desenvolvimento do trabalho clínico do enfermeiro com as famílias e na sua finalização. A equipe do Family Nursing Unit, na Universidade de Calgary, tem incorporado o uso da carta terapêutica na prática clínica com famílias há mais de 20 anos, e observam que cartas criam oportunidades de relações mais colaborativas e transparentes com a família (WRIGHT; SIMPSON, 1991; WRIGHT; WATSON, 1988; WRIGHT; WATSON; BELL, 1996). Por meio das cartas, a equipe oferece elogios, validações ou confirmações dos pontos fortes e dos sucessos da família. As cartas enfatizam também as ideias sugeridas nas sessões e oferecem novos questionamentos que ampliam o desafio para mudança, apresentando ideias diferentes e convidando a família para novas reflexões.

Na literatura internacional, as cartas terapêuticas têm sido muito utilizadas na prática com famílias, representando uma excelente intervenção de enfermagem (LEVAC et al., 1988; MOULES, 2000, 2002, 2003, 2009a, 2009b; WRIGHT; SIMPSON, 1991; MOULES; THIRSK; BELL, 2006). Entretanto, na literatura nacional ainda são poucos os estudos que investigaram sua utilização, assim como a experiência da família com esse tipo de intervenção.

As cartas terapêuticas identificam os recursos e as forças pessoais e familiares promovendo coragem, esperança, autoestima e modificações nos manejos de cuidado. Podendo ser uma intervenção de enfermagem com potencial terapêutica e uma expressão de grande importância da relação terapêutica entre o enfermeiro e a família (FREED et al., 2010). Elas têm sido utilizadas como ferramentas de promoção de empoderamento, esperança, e resiliência, em instituições de saúde na Europa e Américas (PAIVA; RASERA, 2012). O objetivo é apoiar a família no processo de cura e alívio do sofrimento, estabelecendo e mantendo a interação entre o profissional e a família (MOULES, 2003). As cartas reconhecem os sucessos, as competências e as conquistas da família, ajudando-a a aliviar o sofrimento e a ressignificá-lo, e possibilitam uma aproximação entre ela e o enfermeiro, além do acompanhamento por meio de novas ideias que promovem a reflexão, sobre suas experiências passadas (MOULES, 2009a, 2009b).

Em nossa prática no atendimento às famílias em um programa de intervenção com famílias de crianças e adolescentes com deficiência para o fortalecimento da resiliência, as famílias são encaminhadas por profissionais da saúde de um ambulatório de pediatria de um hospital escola de referência do Mato Grosso do Sul e de uma instituição de ensino especial e reabilitação municipal. Os atendimentos às famílias são realizados por meio de encontros terapêuticos. No primeiro encontro com a família no programa é firmado um contrato em que ela assina um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido após receber explicações sobre sua participação. Nesse momento é realizada a avaliação da família, segundo o Modelo Calgary de Avaliação da Família (MCAF), com identificação das forças, fraquezas e hipóteses do sofrimento vivenciado por ela (WRIGHT; LEAHEY, 2008). No encontro posterior realizamos a validação das hipóteses do sofrimento da família e sugerimos intervenções para atingir os domínios afetivos, cognitivos e comportamentais, de acordo com o MCIF (MARCHETTI; MANDETTA, 2016).

Durante a participação da família no programa, cartas terapêuticas são enviadas a elas em diferentes momentos, como estratégia de aproximação entre o enfermeiro e a família, como validação da história e dos sentimentos da família com a experiência vivida, com reforços positivos quanto aos esforços da família em sua busca por manejar e enfrentar os desafios cotidianos, e para oferecer novas ideias para se mover e solucionar suas demandas. Observamos que as cartas enviadas impactavam a família de maneira positiva, o que repercutia inclusive nos demais atendimentos da família e da criança com os outros profissionais de reabilitação da instituição.

Diante disso, questionamo-nos como é para a família receber uma carta terapêutica, como atribui significado e interage com essa experiência. Assim, nosso objetivo, nesse estudo, foi compreender o significado atribuído pela família da criança com deficiência inserida no programa de intervenção de enfermagem às cartas terapêuticas e o impacto delas nas interações familiares.

2 Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, realizada com seis famílias atendidas no Programa de Intervenção na Família no Contexto da Deficiência Mental (PIFCDM), desenvolvido para fortalecer a resiliência da família da criança com deficiência. O PIFCDM foi implantado em uma instituição de ensino especial e reabilitação de crianças e jovens com disfunção neuro-motora e deficiência intelectual.

O PIFCDM é uma estrutura organizada para direcionar a intervenção com a família da criança e do adolescente com deficiência mental que se encontra em situação de vulnerabilidade desencadeada pelas interações com a condição da criança, com a família nuclear e ampliada, e com os profissionais e instituições de atendimento especial (MARCHETI; MANDETTA, 2016). O marco teórico do PIFCDM é pautado na articulação teórica entre os conceitos do Interacionismo Simbólico, do Modelo de Vulnerabilidade da Família e do Modelo de Resiliência, e é o eixo norteador das ações dos enfermeiros no cuidado à família atendida pelo programa (MARCHETI, 2012).

A avaliação da família no programa é alicerçada no MCAF, uma estrutura multidimensional, integrada, baseada nos fundamentos da teoria dos sistemas, cibernética, comunicação e mudança, e influenciada pelo pós-modernismo e pela biologia de cognição (WRIGHT; LEAHEY, 2012). O MCAF foi utilizado para trabalhar com as famílias e ajudá-las a encontrar manejos diferentes dos desafios vividos.

Cada família foi atendida no PIFCDM, em média de 10 encontros que proporcionaram a ela narrar a sua experiência com a condição imposta pela deficiência do filho, a identificação das hipóteses de sofrimento e a proposição de intervenção.

Adotamos a definição de intervenção de enfermagem com família proposta por Wright e Leahey (2012), qualquer ação ou resposta da enfermeira, envolvendo ações terapêuticas e respostas internas cognitivo-afetivas manifestas, ocorridas no contexto de um relacionamento enfermeira-cliente oferecidas para concretizar o funcionamento individual, familiar ou comunitário pelo qual a enfermeira é responsável.

O objetivo de uma intervenção de enfermagem é efetuar mudança. A intervenção deve promover as forças e o potencial da família, fortalecendo sua resiliência para os enfrentamentos necessários, de maneira que possa resgatar sua autonomia na situação de crise e decidir-se quanto ao que considera melhor para si e para seus membros (WRIGHT; LEAHEY, 2012).

Desta maneira, o cerne da intervenção é proporcionar à família mudanças na perspectiva da experiência, a fim de que ela ressignifique suas crenças e desafios, mobilize recursos, e se reestruture para melhor comunicar preocupações e sentimentos. A intervenção deve ter como foco o seu fortalecimento para o alcance de autonomia, encorajamento da resiliência e alívio do sofrimento e são direcionadas para promover a ressignificação das interações da família com a situação geradora de sofrimento, visando a criar e potencializar recursos na família para que ela possa lidar mais efetivamente com a experiência da deficiência; estimular a capacidade da família para enfrentar situações de crise imediata; e fortalecer os processos interacionais fundamentais para estimular o enfrentamento, a recuperação e a resiliência, entre outros.

Dentre as intervenções de enfermagem oferecidas no programa destacam-se as cartas terapêuticas, objeto desta pesquisa, que são enviadas no decorrer dos encontros terapêuticos com as famílias, conforme as necessidades que elas apresentam e na finalização dos trabalhos com ela. Foram encaminhadas em média duas cartas terapêuticas por família atendida em 2010. Elas foram escritas de forma a pontuar positivamente os encontros e os esforços da família, oferecer elogios e confirmações dos avanços e sucessos que ela alcançou, e foram encaminhadas, via correio, após os primeiros encontros com a família e conforme a necessidade.

Cartas terapêuticas são usadas para reforçar o reconhecimento da relação recíproca entre a família e o enfermeiro, enfatizar as ideias sugeridas nas sessões, e oferecer novos questionamentos que proponham à família mudanças e novas reflexões.

Para a coleta de dados utilizamos a observação e a entrevista com seis famílias que receberam alta do PIFCDM, com média de duração de trinta minutos, com a participação de seis mães, um pai, um padrasto, uma avó e três irmãos. Cinco entrevistas foram realizadas na instituição e uma na residência da família, sendo permeadas por narrativas emocionadas e impactadas pela experiência de recebimento da carta.

Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas pelo pesquisador logo após sua realização. Foi utilizada a Análise Qualitativa de Conteúdo, para guiar a análise dos dados, cujo processo metodológico permite a identificação, a codificação e a

categorização dos padrões primários nos dados remetendo o pesquisador à compreensão da experiência estudada. O pesquisador busca o significado de situações específicas produzindo categorias congruentes. Ao término da análise, todas as informações apreendidas são contempladas e representadas, permitindo a compreensão do fenômeno estudado (MORSE; FIELD, 1995).

3 Resultados

A análise qualitativa realizada nos permitiu avançar na compreensão do significado das cartas terapêuticas para a família da criança com deficiência.

A categoria “Sendo uma referência para a família” exprime o significado da carta terapêutica para a família. Trata-se de uma experiência nova, nunca antes vivenciada pela família e que a surpreende de maneira prazerosa, permitindo o despertar de sentimentos positivos e esperança. As famílias relataram que, ao ler a carta, lembraram o que foi conversado nos encontros, as direções traçadas, os recursos disponíveis, o que as motivaram a prosseguir com visão pró-ativa e a manter a esperança. As cartas têm o potencial de certificar a competência da família e de reconhecer suas habilidades, o que a leva a se sentir empoderada para estabelecer manejos mais positivos da situação e dos conflitos vividos.

A partir do recebimento da carta, a família, sentindo-se confortada e considerada, divulga-a junto aos seus familiares e entes significativos e a mantém sob sua guarda como algo muito valioso. Como consequência, a família percebe que a leitura da carta a torna mais envolvida com a situação vivenciada e amplia sua compreensão sobre a mesma, tornando-se um momento rico de reflexão e aprendizagem para todos. Há maior interação entre os membros da família, pois todos se sentem ajudados e confortados e, desta forma, se unem na leitura e discussão do que estão vivenciando, possibilitando a construção conjunta de estratégias que resultam em uma modificação na maneira como manejam e interagem com a situação.

As subcategorias que compõem são “valorização e respeito”, “suporte”, “interação familiar” e “recurso”, e estão apresentadas a seguir.

3.1 Valorização e respeito

Ao receber as cartas terapêuticas a família revela sentir-se valorizada e respeitada pela enfermeira de maneira nunca antes vivenciada em sua trajetória com o filho, porque percebe a disponibilidade desse profissional em relação aos seus problemas, demandas e desafios, elevando sua autoestima e despertando sentimentos de felicidade e consideração: *E as cartas, me senti muito bem..., eu nunca recebi carta de ninguém, fiquei muito feliz! Comentei: 'que bom..., nem nas férias a A. se esqueceu da gente'! Nossa nós ficamos tão felizes, adorei! O H também lia e gostou.*

A família se percebe importante na relação com o profissional que demonstra por meio da carta valorizar sua experiência, suas crenças e funcionamento, ouvindo-a e registrando sua história e realizações. Perceber-se sendo respeitada também é evidenciado quando os demais membros da família reconhecem a importância daquele que recebe as cartas, ou que é mencionado em um trecho da mesma, e que por isso tem sua individualidade valorizada. A carta demonstra um sentido de preocupação do profissional com a família e suas demandas vividas. As cartas dão visibilidade à família, à sua história, aos desafios e superações na trajetória com o filho, validando seu sofrimento e suas conquistas:

Ah eu me senti importante, respeitada, ouvida. A gente se sente importante por que é uma coisa assim que a gente não recebe de ninguém e assim..., a gente viu que tipo... é uma preocupação.

Nossa receber as cartas..., nossa..., meu marido falou nossa hein, você tá hein... E ele leu primeiro por que você mandou no nome dele, ele viu que era pra ele né, daí ele ficou todo todo... Ele disse "você tá muito solicitada...", recebendo carta, que importante... [risos].

Saber que o profissional mantém todos os arquivos dos encontros terapêuticos e das conversas realizadas, e que depois se preocupa em enviar-lhe uma carta é muito significativo e demonstra o cuidado e a preocupação desse profissional. Cartas terapêuticas transmitem à família um sentido de disponibilidade em termos de tempo, atenção e postura do profissional, assim como de sua capacidade de escuta atenta e compromisso profissional. A disponibilidade do profissional provoca maior aproximação entre a família e ele, com a construção de um elo profundamente respeitoso entre o enfermeiro e a família. Para a família a história dela foi validada, guardada e registrada:

E saber assim que a senhora guarda tudinho isso daí pra depois passar pra gente né..., que não passou de uma conversa..., sabe, tipo... não foi só um

momento né..., mas que foi um momento que ficará registrado... está registrado... tá ali no papel.

A família conta no encontro subsequente ao recebimento da carta o quanto foi bom para todos da família e demonstra um comportamento mais receptivo e aberto às intervenções. As cartas tem o potencial de favorecer o vínculo e a abertura para o diálogo e a participação da família nos encontros terapêuticos.

3.2 Suporte

As cartas terapêuticas tornam-se uma fonte de suporte para a família que se percebe sendo ajudada e apoiada, tanto em situações difíceis de relacionamento com os membros da família, como para ampliar seu conhecimento sobre a deficiência e o manejo das situações, relacionamentos e adversidades oriundas de suas interações no contexto da deficiência. O reconhecimento e a validação das suas crenças e sentimentos em relação ao sofrimento vivenciado durante todos os anos transcorridos no cuidado à criança com deficiência, ajuda a família a relembrar situações de superação e possibilita a elaboração de novas maneiras de enfrentamento.

Desta forma, as cartas terapêuticas tornam-se um instrumento valioso para a família refletir, discutir e ampliar sua compreensão sobre o que está sendo vivido e sobre a maneira como estão manejando a situação e o conflito. As leituras repetidas, assim como os conselhos e os textos dirigidos para cada situação particular e a indicação de filmes sobre a temática são excelentes recursos reconhecidos pela família para aprofundar seu conhecimento e possibilitar o diálogo em família. Por apresentar um forte impacto sobre a família, esses recursos tornam-se elementos fundamentais para a reflexão e realização de mudanças relacionais e comportamentais com o filho e com os demais membros da família. As cartas possibilitam à família condições de superação do desafio vivido por proporcionar melhor compreensão da situação:

Os textos me ajudaram a entender bastante em como lidar sabe... Então hoje tá superado tudo aquilo... as cartas que você mandava eu lia bastante..., lia e relia, pra mim entender o que que tava ali né... Então, isso me ajudou bastante.

3.3 Interação familiar

Para a família a leitura das cartas terapêuticas proporcionou um espaço em que a família pode conversar sobre a experiência, sentimentos e emoções, aproximando os membros e possibilitando o diálogo. A família percebe que as cartas terapêuticas propiciam maior encontro entre os membros da família, que se unem na leitura e nas discussões sobre os assuntos ponderados. A leitura conjunta e as conversas geradas entre os membros da família proporcionam intimidade relacional na família, podendo contribuir para melhorar o relacionamento entre todos: *As cartas também ajudaram bastante, ele [o pai] lia pra mim e nós conversamos mais... e ele deita e fica lendo.*

3.4 Recurso

Os membros familiares demonstraram emoção, alegria e surpresa, ao sentirem-se apoiados e confortados pelo enfermeiro por meio das cartas. As cartas são importantes recursos para relembrar momentos de aprendizagem e são propulsoras de expectativas positivas quanto à competência familiar na resolução e no enfrentamento dos desafios. A família revela que não se esquecem das cartas recebidas e que as lê várias vezes, mesmo transcorrido um tempo entre o recebimento delas, pois elas lhe ajudam a lembrar de tudo o que conversou e vivenciou nos encontros do programa. Explica que sempre recorre às cartas, principalmente quando tem uma dificuldade ou para buscar uma referência que a ajude em momentos de conflitos, ou simplesmente porque lhe provoca uma sensação de bem-estar. As cartas tornam-se um apoio substancial à família que reconhece sua experiência nas expressões escritas. A família guarda todas as cartas e textos recebidos com bastante cuidado com o objetivo de tê-las sempre consigo para lhe ajudar a relembrar suas experiências e ser uma fonte de estímulo para recarregar as forças no sentido de enfrentar as adversidades do caminho com um filho com deficiência:

E as cartas que vinham assim também... nossa... estão todas guardadinhas... adoro ler e reler..., são coisas assim que... a gente não se esquece... Nossa é lindo... A gente fica lembrando, aqui a gente conversou tal dia...

Nossa e as cartinhas estão guardadas. Ontem mesmo eu tava mexendo pra guardar aquela lá, e li tudo de novo... e quando eu preciso eu sempre leio as suas cartas... [risos].

Também a família divulga para os demais profissionais da entidade e inclusive oferece as cartas para leitura, demonstrando seu valor e o contentamento provocado por ter recebido algo relevante para sua trajetória com o filho e para o manejo das situações familiares e de cuidado dele. Os funcionários da instituição comentam que a família, ao receber as cartas, descreve a satisfação e o sentimento de estima e consideração, pois reconhece nelas um cuidado do profissional e um valioso recurso que a ajuda a reconhecer suas habilidades e a prosseguir frente aos desafios cotidianos como filho:

Mãe chega na Pestalozzi e comenta com a psicóloga, e assistente social que recebeu uma carta, revela que ficou muito contente e mostra a carta com orgulho [Nota de observação]. Funcionários discutem a reação da família ao ter recebido as cartas, comentando o quanto percebiam que elas estavam felizes [Nota de observação]. Recebo telefonema de uma família contando sobre a carta e que estava emocionada com o conteúdo e a consideração [Nota de observação].

4 Discussão

As cartas terapêuticas demonstraram ser uma intervenção eficaz de enfermagem com famílias de crianças com deficiência, ao possibilitar a elas, com o envolvimento de todos para a leitura em família, conversar sobre a experiência e os desafios vividos, sendo importante recurso para as famílias se nortearem no manejo das situações e no cuidado do filho. As cartas terapêuticas são referências para a família da criança com deficiência, pois lhe permitem refletir sobre a situação, representando importante suporte para compreensão da sua experiência. Receber as cartas significou para a família ser valorizada e respeitada em sua narrativa de vida com a criança, proporcionando momentos de interação familiar e sendo um recurso para a família que recorre a elas quando necessita.

A família manifesta sua satisfação em perceber uma predisposição do profissional que se preocupou em ajudá-la em seus desafios e a oferecer ideias de manejos diferentes da situação e do conflito vivido. Essa predisposição abre possibilidades para a família compartilhar o sofrimento experienciado em sua história com a criança e com o impacto da deficiência na família, e receber apoio e cuidado. Em um estudo, em que buscou-se compreender qual o significado que os clientes atribuíam às cartas terapêuticas recebidas de conselheiros, observamos elementos comuns aos deste estudo (PYLE, 2009).

Nesse estudo as famílias apreciaram a sensação de ter alguém que de fato se preocupa com eles, mesmo fora das sessões terapêuticas, transmitindo um sentido de disponibilidade do profissional e de sua capacidade de ouvir. Evidências no estudo de

Rodgers (2009), que analisou o impacto da carta terapêutica na relação do profissional com o cliente, mostraram que os clientes sentiam-se valorizados, pois percebiam que o profissional não poupou seu tempo para sentar e escrever uma carta. Os clientes mostraram satisfação por perceberem uma relação menos distante e mais pessoal do profissional.

Em um recente estudo que buscou compreender a influência das cartas terapêuticas na esperança dos pais de crianças com doença crônica, identificou que as cartas influenciaram a esperança dos pais das crianças, promovendo-a e reforçando-a, com base no compartilhar de esperanças com os profissionais de saúde, no apoio e disponibilidade dos mesmos, no reconhecimento das competências parentais e no reforço das forças pessoais ao reconhecer outras adversidades que ultrapassaram (FONSECA, 2015). Esse mesmo estudo concluiu que as cartas terapêuticas ao reconhecerem as capacidades, habilidades e as forças dos pais e ao demonstrarem o apoio do profissional em todos os momentos do processo de evolução da doença do seu filho, favoreceram a esperança parental.

Desta maneira, as cartas terapêuticas parecem manter uma ligação entre a família e a enfermeira, apesar da passagem do tempo entre os encontros, e dão um sentido de suporte, presença e compromisso do profissional. O sentimento de valorização e respeito e a disponibilidade do profissional percebida pela família ao receber a carta terapêutica parecem ter importância na construção da relação terapêutica entre ele e a família.

Outro estudo que buscou analisar cartas terapêuticas utilizadas como intervenção com famílias atendidas em sessões terapêuticas em um programa, evidenciou que cartas contribuíram para preservar e conservar na memória do cliente o momento vivido e o evento de sofrimento e cura (MOULES, 2009a, 2009b). Esse fato vem ao encontro do sentido atribuído pelas famílias deste estudo que guardam as cartas terapêuticas recebidas, pois as mesmas as ajudam a relembrar suas experiências, suas forças na superação das mesmas, sua história, e servem de referência e estímulo para enfrentar novas adversidades.

Cartas terapêuticas parecem proporcionar intimidade relacional com potencial de cura na família, podendo melhorar o relacionamento entre os seus membros e entre o enfermeiro e a família. Encontramos na literatura, que elas têm o potencial para curar, para convidar a família à reflexão e à mudança na maneira como o sofrimento é percebido pelos membros familiares (MAMEDE, 2002; MOULES, 2009a, 2009b).

O uso de cartas como intervenção terapêutica mostrou que elas podem ajudar a família a resgatar sentimentos de pertença e de respeito a si mesma. As cartas tem o potencial de fazer emergir na família um sentido de empoderamento de sua história de vida com a criança deficiente, de pertencimento, em que ela se identifica como família e vê em sua trajetória, possibilidades de continuar vivendo e superando os desafios que o contexto da deficiência lhe trazer. Mamede (2002), em seu estudo, utilizou principalmente cartas e fotografias no trabalho com internas em tratamento psiquiátrico, evidenciou que as cartas podem ajudar no resgate da dignidade, da auto-imagem e da constituição do *self*.

Assim cartas terapêuticas ajudam a família a conservar na memória o que poderia ser esquecido e a ajuda a refletir sobre sua história no manejo das situações difíceis enfrentadas com o filho deficiente, abrindo perspectivas otimistas para o enfrentamento presente e para um futuro de possibilidades. Elas parecem ampliar os limites da compreensão da família que incorpora mais da sua experiência vivida, e torna-a mais facilmente elaborada e aceita.

Escrever cartas com intenção terapêutica exige do profissional o cuidado de pensar o que irá escrever, em como a família interpretará os escritos e o impacto que ela trará. O conteúdo de uma carta terapêutica deve facilitar a compreensão da família e ser cuidadosamente redigido, delicadamente apresentado e intencionalmente posicionado.

A família parece encontrar nas cartas a experiência necessária para ampliar a confiança e fortalecer o vínculo com a enfermeira, que ao testemunhar sua história de vida e seu potencial de superação das adversidades, demonstra compromisso com ela. O relacionamento da família e da enfermeira é estendido por meio da carta terapêutica e, portanto, como uma intervenção terapêutica (BELL; MOULES; WRIGHT, 2009), cartas podem facilitar e preservar a integridade da relação do enfermeiro com o cliente.

5 Considerações finais

Em nossa prática no programa as cartas terapêuticas são propulsoras de reflexão e apoio na família. Elas devem oferecer ideias e provocar reflexões sobre o contexto vivido pela condição de deficiência do filho. É comum as famílias relatarem que, ao ler a carta, relembram o que foi conversado nos encontros, as direções traçadas, os recursos disponíveis, o que as motivam a prosseguir com visão pró-ativa e a manter a esperança. As cartas têm o potencial de certificar a competência e os recursos da família.

O estudo nos levou a refletir sobre o significado que as famílias de crianças com deficiência atribuem às cartas terapêuticas recebidas durante sua participação no programa de intervenção com famílias desenvolvido no Brasil. As cartas terapêuticas utilizadas neste programa não tiveram como objetivo substituir os encontros terapêuticos da enfermeira com a família, mas foram encaminhadas durante os encontros e na finalização dos mesmos.

Os resultados deste estudo levam-nos a sugerir que cartas terapêuticas legitimam as crenças e os sentimentos da família no momento do seu sofrimento, reativam a memória delas com relação às situações adversas já enfrentadas com o filho, e apresentam possibilidades de enfrentamento da situação atual fortalecendo o potencial delas para a superação ou alívio dele. São fontes de inspiração para a família rever seus relacionamentos e o modo de cuidar do filho com deficiência.

A preocupação com pesquisas de intervenção com a família é recente na enfermagem, cabendo destacar que ainda são poucos os estudos que têm como foco de interesse tal aspecto, o que motiva a busca por uma maior compreensão deste fenômeno e de sua aplicabilidade prática.

O enfermeiro tem uma importante função junto às famílias que experienciam a situação de ter um filho com deficiência, podendo ajudá-las nessa experiência. Todavia, é preciso que esteja instrumentalizado para identificar o potencial e os elementos fundamentais no funcionamento da família que a ajude a fortalecer suas capacidades. Ele pode identificar habilidades na família que possibilitem o planejamento de intervenções visando ao suporte e ao fortalecimento das competências familiares, buscando evidenciar o potencial de cada família para reestruturação e promoção do seu funcionamento saudável. Acreditamos que cartas terapêuticas mostraram ser intervenções valiosas nesse processo.

Embora a literatura e os resultados desse estudo sejam encorajadores e mostrem os benefícios da utilização de cartas terapêuticas como intervenção com famílias que vivenciam o sofrimento advindo da situação de doença, deficiência, perda e luto, é fundamental a ampliação de estudos sobre a temática, consolidando-a como uma intervenção eficaz com famílias.

Referências

BARBOSA, M. A. M. et al. Cuidado da criança com deficiência: suporte acessado pelas mães.

Revista Gaúcha de Enfermagem, Porto Alevre, v. 30, n. 3, p. 406-412, 2009.

BELL, J. M.; MOULES, N. J.; WRIGHT, L. M. Therapeutic letters and the Family Nursing Unit: A legacy of advanced nursing practice. **Journal of Family Nursing**, Thousand Oaks, CA, v. 15, n. 1, p. 6-30, 2009.

FONSECA, R. J. S. **A influência das cartas terapêuticas na esperança dos pais de crianças com doença crônica**. 2015. 163 f. Dissertação (Mestrado em Cuidados Paliativos) – Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2015.

FREED, P. E. et al. It's the little things that count: The value in receiving therapeutic letters. **Issues in Mental Health Nursing**. New York, v. 31, n. 4, p. 265-272, 2010.

LEVAC, A. M. et al. "Ann," & "Fred. A "Reader's Theatre" intervention to managing grief: Post-therapy reflections by a family and a clinical team. **Journal of Marital and Family Therapy**, Malden, MA, v. 24, n. 1, p. 81-93, 1998.

MAMEDE, M. C. **Cartas e retratos: uma clínica em direção à ética**. 2002. 188 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

MARCHETI, M. A. **Programa de intervenção na família no contexto da deficiência mental: um espaço para promover mudanças**. 2012. 249 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Escola Paulista de Enfermagem, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2012.

MARCHETI, M. A. MANDETTA, M. A. **Criança e adolescente com deficiência: programa de intervenção de enfermagem com família**. Goiânia: AB Editora, 2016.

MORSE, J. M.; FIELD, P. A. **Qualitative research methods for health professionals**. 2. ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 1995.

MOULES, N. J. **Nursing on paper: The art and mystery of therapeutic letters in clinical work with families experiencing illness**. 2000. 271 f. Thesis (Doctorate of Philosophy) – University of Calgary, Calgary, 2000.

MOULES, N. J. Nursing on paper: Therapeutic letters in nursing practice. **Nursing Inquiry**, Carlton, v. 9, n. 2, p. 104-113. 2002.

MOULES, N. J. The past and future of therapeutic letters: Family suffering and healing words. **Journal of Family Nursing**, Thousand Oaks, CA, v. 15, n. 1, p. 102-111, 2009a.

MOULES, N. J. Therapeutic letters in nursing: Examining the character and influence of the written word in clinical work with families experiencing illness. **Journal of Family Nursing**, Thousand Oaks, CA, v. 15, n. 1, p. 31-49, 2009b.

MOULES, N. J. Therapy on paper: Therapeutic letters and the tone of relationship. **Journal of Systemic Therapies**, Malden, MA, v. 22, n. 1, p. 33-49, 2003.

MOULES, N. J.; THIRSK, L. M.; BELL, J. M. A Christmas without memories: Beliefs about grief and mothering — a clinical case analysis. **Journal of Family Nursing**, Thousand Oaks, CA, v. 12, n. 4, p. 426-441, 2006.

PAIVA, L. P. C.; RASERA, E. O uso das cartas terapêuticas na prática clínica. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 193-207, 2012.

PYLE, R.N. Therapeutic letters as relationally responsive practice. **Journal of Family Nursing**, Thousand Oaks, CA, v. 15, n. 1, p. 65-82, 2009.

RODGERS, N. Therapeutic letters: a challenge to conventional notions of boundary. **Journal of Family Nursing**, Thousand Oaks, CA, v. 15, n. 1, p. 50-64, 2009.

WRIGHT, L. M.; LEAHEY, M. **Enfermeiras e famílias: um guia para avaliação e intervenção na família**. 4. ed. São Paulo: Roca, 2008.

WRIGHT, L. M.; LEAHEY, M. **Enfermeiras e famílias: um guia para avaliação e intervenção na família**. 5. ed. São Paulo: Roca, 2012.

WRIGHT, L. M.; WATSON, W. L.; BELL, J. M. **Beliefs: The heart of healing in families and illness**. New York: Basic Books, 1996.

WRIGHT, L. M.; SIMPSON, P. A systemic belief approach to epileptic seizures: A case of being spellbound. **Contemporary Family Therapy: An International Journal**, Provo, UT, v. 13, n. 2, p. 165-180, 1991.

WRIGHT, L. M.; WATSON, W. L. Systemic family therapy and family development. In: FALICOV, C. J. (Ed.). **Family transitions: Continuity and change over the life cycle**. New York: Guilford, 1988. p. 407-430.